

# Aleitamento materno em livros didáticos

Suzana Kalckmann<sup>1</sup>

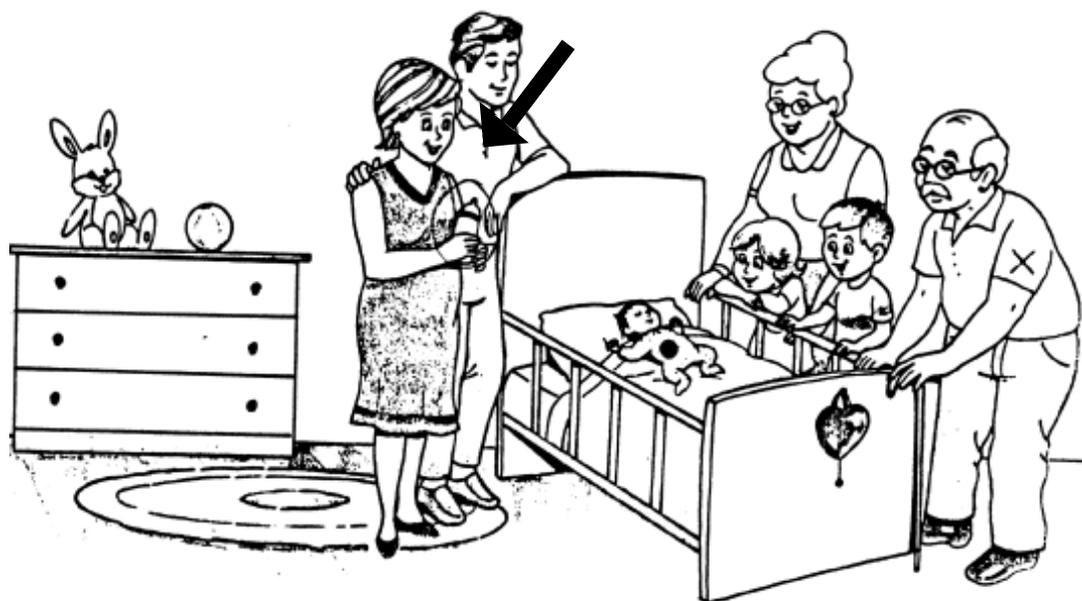
Este estudo foi solicitado e financiado pelo Comitê Nacional de Educação<sup>2</sup> e coordenado por mim, em 1991. Esse comitê reunia no Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, em Brasília, técnicos e representantes de diferentes Ministérios e objetivava propor diretrizes e estratégias que pudessem sensibilizar, estimular e promover o Aleitamento Materno (AM) em diferentes espaços e instituições. O Comitê definiu ser prioritário desenvolver ações junto aos professores de 1º Grau e avaliar se os livros didáticos estavam de acordo com as “Normas para Comercialização de Alimentos para Lactentes” - estabelecida pelo Conselho Nacional de Saúde, por meio da resolução de 20 de dezembro de 1988 - que determinava que os materiais educativos não podiam conter imagens ou textos que estimulassem o uso de alimentos para substituir o leite materno. Considerou-se fundamental despertar nos alunos, desde cedo, uma postura favorável ao Aleitamento Materno, fazendo com que as crianças percebessem que “mamar em sua mãe” é um ato natural e um direito inalienável.

## Objetivos:

Avaliar como o Aleitamento Materno era tratado nos livros didáticos de 1º grau. Buscava identificar omissões, erros conceituais e violações às Normas de Comercialização que possibilitassem ações concretas junto ao Ministério de Educação e às Editoras e que pudessem subsidiar treinamentos e cursos propostos para os professores.

## Metodologia:

Realizou-se uma análise crítica em amostra aleatória, estratificada por matéria e ano escolar, a partir da lista de todos os títulos comercializados no Brasil (FAE, 1990). Do total de 775 livros de alfabetização, multidisciplinares, de estudos sociais, ciências e português de 17 diferentes editoras analisou-se 227, ou seja cerca de 30%. A análise foi realizada em duas etapas, na primeira<sup>3</sup> rastreou-se a frequência do aparecimento do tema – alimentação do recém nascido, em texto e/ou em ilustrações, com preenchimento de um roteiro. Sempre que o tema aparecia, positiva ou negativamente, o material foi fotocopiado para análise qualitativa posterior.



**Resultados:**

Considerando o texto, em 82% dos livros não havia referências ao AM, mesmo nos de ciências e nos multidisciplinares, nos quais o assunto seria facilmente inserido. Apenas 20% e 35%, respectivamente dos livros de ciências e multidisciplinares, abordavam o tema, nem sempre de forma adequada. Em cerca de 10%, apareciam o uso de leite artificial para bebês. Contudo, foi muito maior a frequência de ilustrações de mamadeiras, chegando a 31%. As mamadeiras e chupetas apareciam de forma “decorativa”, muitas vezes sem nexos com o texto, estereotipando a imagem do bebê, principalmente nos livros destinados às primeiras séries. O mesmo acontecia com a chupeta. Observou-se baixa integração entre os textos e as ilustrações, chegando a extremos de serem antagônicos.

**Conclusões:**

A avaliação global nos fez crer que os autores desconheciam as informações adequadas e que não haviam refletido sobre a importância do AM, especialmente os de português - alfabetização e de estudos sociais, apesar de alguns autores terem encontrado formas interessantes para a sua abordagem. Frente aos resultados obtidos, o Comitê encaminhou o relatório dessa avaliação e um exemplar das “Normas de Comercialização” às editoras e aos autores, colocando-se a disposição para que eles pudessem solicitar sugestões e/ou assessoria.

**E hoje?** Será que as editoras atualizaram os livros didáticos, abordando o tema de forma mais adequada? O tema foi incorporado ao currículo escolar como proposto pelo MEC? Será que as ações promovidas, durante esses últimos dez anos, foram incorporadas aos livros didáticos? Faz-se necessário a elaboração de um novo projeto de pesquisa para que documentemos a situação atual.

## HIV e aconselhamento sobre amamentação

Marina Ferreira Rea<sup>1</sup>

Em encontro das Nações Unidas em 2000 profissionais de saúde e cientistas concluíram que a amamentação está associada com um risco adicional significativo de transmissão do HIV da mãe para a criança quando comparado a não amamentar. É bem conhecido que este risco depende de fatores clínicos e pode variar de acordo com padrão e duração da amamentação. Um recente estudo na África do Sul mostrou que a amamentação exclusiva nos primeiros 3 meses de vida pode levar a um risco menor de transmissão de HIV do que alimentação mista ou predominante. Um estudo de coorte realizado em 1993 no Estado de São Paulo com 434 mulheres infectadas pelo HIV tipo 1 e as crianças expostas, mostrou um risco de transmissão de 16%; as crianças amamentadas tiveram um risco mais alto do que as alimentadas por mamadeira [21% contra 13%,  $p=0.01$ ]; porém, como a maioria de estudos neste assunto, não foram seguidas as definições da OMS de 1991, e não sabemos se essas mães amamentavam exclusivamente ou de forma mista. Pretende-se investigar a qualidade da recomendação da alimentação da criança e aconselhamento oferecido às mães HIV + como parte da rotina do programa de DST/AIDS na cidade de São Paulo. Entre outros, os objetivos serão também: avaliar o conhecimento das mães sobre as opções de alimentação da criança após ter sido aconselhada; descrever as rotinas de cuidado no pré-natal, maternidade e seguimento de mulheres HIV positivas e suas crianças relativo às práticas de alimentação; descrever as diferenças entre a qualidade do aconselhamento em hospitais “Amigos da Criança” (IHAC) com aqueles que não são reconhecidos como IHAC; e informar ao programa de DST/AIDS sobre a qualidade da informação e aconselhamento sobre a alimentação da criança, sugerindo possíveis modificações.

<sup>1</sup> Pesquisadora Científica do Instituto de Saúde.

<sup>2</sup> Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno. Participavam no período os seguintes profissionais: Keiko Teruya, Leila Litvin, Jurilza de Mendonça, Gisa Alaíde de Siqueira, Andrea Mandim, Andreia Aboud Eira e Suzana Kalckmann.

<sup>3</sup> Realizado por professores primários, de ciências e de português.

<sup>1</sup> Coordenadora do projeto. Pesquisadora científica do Instituto de Saúde; Projeto aprovado pelos Comitês de Ética em Pesquisa do Instituto de Saúde e da Prefeitura Municipal de São Paulo. Apoio OMS. Bolsistas CNPq.